

José Francisco Ferreira Queiroz

OS CEMITÉRIOS DO PORTO E A ARTE FUNERÁRIA
OITOCENTISTA EM PORTUGAL

CONSOLIDAÇÃO DA VIVÊNCIA ROMÂNTICA
NA PERPETUAÇÃO DA MEMÓRIA

V O L U M E I

- TOMO 1.º -

CAPÍTULOS 1 A 6

Tese de Doutoramento em História da Arte
orientada pelo Prof. Doutor Agostinho Araújo

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
2002

OS CEMITÉRIOS DO PORTO E A ARTE FUNERÁRIA OITOCENTISTA EM PORTUGAL

CONSOLIDAÇÃO DA VIVÊNCIA ROMÂNTICA NA PERPETUAÇÃO DA MEMÓRIA

PLANO TEMÁTICO

VOLUME I	TOMO 1.º	<ul style="list-style-type: none">• AGRADECIMENTOS• PREFÁCIO• CHAVE PARA SIGLAS E ABREVIATURAS• CAPÍTULO 1: OS ANTECEDENTES – ABORDAGEM HISTÓRICA• CAPÍTULO 2: OS ANTECEDENTES – ABORDAGEM ARTÍSTICA• CAPÍTULO 3: DE 1835 A 1844 – ABORDAGEM HISTÓRICA• CAPÍTULO 4: DE 1844 A 1855 – ABORDAGEM HISTÓRICA• CAPÍTULO 5: DE 1835 A 1848 – ABORDAGEM ARTÍSTICA• CAPÍTULO 6: DE 1848 A 1855 – ABORDAGEM ARTÍSTICA
	TOMO 2.º	<ul style="list-style-type: none">• CAPÍTULO 7: DE 1855 A 1865 – ABORDAGEM HISTÓRICA• CAPÍTULO 8: DE 1855 A 1865 – ABORDAGEM ARTÍSTICA• CAPÍTULO 9: APÓS 1865 – ABORDAGEM HISTÓRICA• CAPÍTULO 10: APÓS 1865 – ABORDAGEM ARTÍSTICA• CONCLUSÃO• FONTES E BIBLIOGRAFIA• ÍNDICE ONOMÁSTICO
VOLUME II		<ul style="list-style-type: none">• ILUSTRAÇÕES• APÊNDICE DOCUMENTAL• CEMITÉRIOS QUE SERVIRAM DE BASE À INVESTIGAÇÃO• ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

SUMÁRIO DO VOLUME I

TOMO 1.º

AGRADECIMENTOS.....	XI
PREFÁCIO.....	XV
Metodologia da investigação.....	XVII
Metodologia de apresentação.....	XXI
CHAVE PARA SIGLAS E ABREVIATURAS.....	XXIII

CAPÍTULO 1

OS ANTECEDENTES – ABORDAGEM HISTÓRICA

1.1 ANTECEDENTES AO ESTABELECIMENTO DOS PRIMEIROS CEMITÉRIOS MODERNOS EM PORTUGAL.....	1
1.1.1 A formação dos cemitérios cristãos e o conceito de "cemitério".....	1
1.1.2 O início da campanha por novos cemitérios.....	5
1.1.3 O terramoto de 1755 em Lisboa.....	7
1.1.4 Evolução do movimento cemiterial na Europa até ao final do século XVIII.....	9
1.1.5 Outros exemplos na Europa.....	12
1.1.6 Efeitos do Despotismo Iluminado em Portugal e os primeiros novos cemitérios.....	15
1.1.7 O Cemitério de Vila Real de Santo António.....	16
1.2 A INICIATIVA DE INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS.....	19
1.2.1 O Cemitério da Misericórdia de Setúbal.....	19
1.2.2 As catacumbas da Ordem Terceira de S. Francisco, no Porto.....	22
1.3 TENTATIVAS PRECOCES EM LISBOA E O PAPEL DE PINA MANIQUE.....	25
1.3.1 O Cemitério de Campo de Ourique.....	29
1.3.2 O Cemitério da Ajuda.....	31
1.4 A EVOLUÇÃO DOS CEMITÉRIOS BRITÂNICOS NO SÉCULO XVIII E OS CEMITÉRIOS DAS COMUNIDADES BRITÂNICAS EM PORTUGAL.....	33
1.4.1 Bunhill Fields e a importância das comunidades religiosas minoritárias.....	35
1.4.2 A criação de cemitérios britânicos em Portugal.....	35
1.4.3 Concepção dos cemitérios britânicos de Lisboa e Porto.....	39
1.4.4 Nível de modernidade dos cemitérios britânicos em Portugal.....	44
1.5 EVOLUÇÃO DO PANORAMA CEMITERIAL PORTUGUÊS NA VIRAGEM DO SÉCULO XVIII PARA O SÉCULO XIX.....	45
1.5.1 O Cemitério da Sé de Leiria e o papel pioneiro de D. Manuel de Aguiar.....	45
1.5.2 O papel de Vicente Coelho de Seabra Silva Teles.....	48
1.5.3 A situação em França e a vitória da ideologia napoleónica.....	50
1.5.4 Situação em Espanha.....	53
1.5.5 Reflexos da legislação napoleónica em Portugal.....	55

1.5.6 Um projecto para novo cemitério em Ovar.....	56
1.5.7 A importância das Invasões Francesas em Portugal.....	57
1.5.8 Situação em Portugal após as Invasões Francesas.....	58
1.6 PROPÓSITOS DE MUDANÇA NUM PERÍODO DE LIBERALISMO EMERGENTE.....	62
1.6.1 O contexto do Vintismo.....	62
1.6.2 O caso de Pombal.....	67
1.6.3 O Miguelismo e a importância dos exilados.....	68
1.7 O PANORAMA CEMITERIAL EUROPEU NO PRIMEIRO TERÇO DE OITOCENTOS E OS PRIMEIROS CEMITÉRIOS MODERNOS.....	69
1.7.1 Paris e o Cemitério do Père Lachaise.....	69
1.7.2 Situação cemiterial na Grã-Bretanha nas décadas de 1820 e 1830.....	74
1.7.3 A importância das companhias privadas na Grã-Bretanha.....	75
1.7.4 A primeira companhia cemiterial de sucesso em Londres e o Cemitério de Kensal Green.....	79
1.7.5 A arquitectura do Cemitério de Highgate.....	83
1.7.6 A situação em Espanha na década de 1830.....	86
1.8 INFLUÊNCIA EPIDÉMICA NA CRIAÇÃO DE NOVOS CEMITÉRIOS EM PORTUGAL.....	87
1.8.1 O papel do Cerco do Porto e da epidemia de <i>cholera morbus</i> de 1833-1834.....	88
1.8.2 A iniciativa liberal e a portaria de 18 de Junho de 1833.....	89
1.8.3 Precedentes à criação do Cemitério da Lapa.....	97
1.8.4 As motivações para o estabelecimento do Cemitério da Lapa.....	99
1.8.5 A iniciativa miguelista e um cemitério para Vila Nova de Gaia.....	100
1.8.6 Os novos cemitérios para Lisboa.....	102
1.8.7 Situação no resto do país durante a epidemia de 1833-1834.....	104
1.8.8 Situação após a epidemia de 1833-1834 e o papel de D. Manuel de Santa Inês.....	106
1.8.9 Reacções à circular do Bispo D. Manuel de Santa Inês.....	107
1.8.10 Os casos específicos de Ovar, Santarém e Constância.....	108
1.9 A LEI DE 1835.....	113
1.9.1 Análise da lei cemiterial de 1835.....	113
1.9.2 O carácter temporário das sepulturas nos cemitérios públicos portugueses.....	126

CAPÍTULO 2

OS ANTECEDENTES – ABORDAGEM ARTÍSTICA

2.1 PRECEDENTES AOS MONUMENTOS SEPULCRAIS ROMÂNTICOS EM PORTUGAL.....	130
2.1.1 OS MAIS ANTIGOS MONUMENTOS NOS CEMITÉRIOS BRITÂNICOS EM PORTUGAL.....	131
2.1.1.1 Os monumentos setecentistas do Cemitério Britânico de Lisboa.....	131
2.1.1.2 As formas piramidais na tumulária.....	134
2.1.1.3 O monumento sepulcral de Daniel Gildemeester.....	136
2.1.1.4 O mausoléu piramidal do Príncipe de Waldeck.....	137
2.1.1.5 Monumentos do primeiro quartel do século XIX no Cemitério Britânico de Lisboa.....	141
2.1.1.6 Os modelos para tumulária no Cemitério Britânico de Lisboa.....	143
2.1.1.7 Os primeiros monumentos no Cemitério Britânico do Porto.....	145
2.1.1.8 O monumento ao Cônsul John Whitehead, no Cemitério Britânico do Porto.....	146
2.1.2 TUMULÁRIA ANTERIOR A 1835 EM CEMITÉRIOS CATÓLICOS DE CARÁCTER PERMANENTE.....	148
2.1.2.1 A placa tumular do carneiro dos bispos de Leiria.....	149
2.1.2.2 Luigi Chiari e o modelo do túmulo a D. Maria I.....	150

2.1.2.3 Os primeiros monumentos no Cemitério do Père Lachaise: modelos para o monumento sepulcral romântico.....	152
2.1.2.4 Alguns dos primeiros monumentos românticos nos cemitérios italianos.....	158
2.1.2.5 Os primeiros monumentos românticos no Cemitério Britânico de Lisboa.....	161
2.1.2.6 Os monumentos do Cemitério Britânico do Porto na década de 1830.....	165
2.1.2.7 O nascimento da arquitectura de memória e as tipologias urbanas..	166
2.1.2.8 Os monumentos públicos portugueses anteriores à consolidação do Liberalismo.....	167
2.1.2.9 O ressurgimento dos obeliscos como símbolo de poder urbano.....	170
2.1.2.10 A importância dos álbuns de modelos e dos concursos académicos de arquitectura.....	174
2.1.2.11 Algumas propostas académicas mais interessantes.....	178
2.2 MONUMENTOS ROMÂNTICOS NO PORTUGAL LIBERAL CONSOLIDADO.....	181
2.2.1 O papel do Dr. Francisco de Assis Sousa Vaz.....	181
2.2.2 Um interessante monumento funerário no antigo Cemitério do Carmo, em Faro.....	187
2.2.3 A criação do panteão em Portugal.....	189
2.2.4 O monumento aos Mártires da Pátria, no Porto.....	190
2.2.4.1 As cerimónias fúnebres e o mausoléu provisório.....	193
2.2.4.2 Sobre o mausoléu dos Mártires da Pátria.....	195
2.2.5 O monumento aos Mártires da Pátria, em Aveiro.....	196
2.2.6 O monumento que encerra o coração de D. Pedro IV na Igreja da Lapa.....	197
2.2.7 Sobre Joaquim da Costa Lima Júnior.....	202
2.2.8 Um projecto atribuído a Luigi Chiari para túmulo de D. Pedro IV.....	204
2.2.9 Os projectos para monumento público a D. Pedro IV.....	205
2.2.10 Um outro projecto de monumento de entronização do Liberalismo.....	215

CAPÍTULO 3

DE 1835 A 1844 – ABORDAGEM HISTÓRICA

3.1 A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI DE 1835.....	218
3.1.1 Prazeres e Alto de S. João – de cemitérios improvisados a definitivos.....	218
3.1.2 A intervenção de José da Costa Sequeira.....	219
3.1.3 As obras de conclusão do Cemitério do Alto de S. João.....	221
3.1.4 As obras de conclusão do Cemitério dos Prazeres.....	225
3.1.5 O Cemitério dos Prazeres em 1842.....	227
3.1.6 Os cemitérios de Portalegre e Castelo de Vide.....	229
3.1.7 Uma intenção precoce em Coimbra.....	231
3.1.8 As primeiras resistências à lei, em 1836.....	232
3.1.9 Resultados de uma consulta efectuada pela Administração Geral do Distrito de Leiria em 1836.....	234
3.1.10 Novas disposições legais em 1837 e 1838.....	244
3.1.11 Alguns aspectos da evolução cemiterial nos anos de 1837 e 1838.....	245
3.1.12 Os cemitérios no concelho de Bragança em 1837 e 1838.....	247
3.1.13 Situação no concelho de Valença em 1838.....	248
3.1.14 As dificuldades económicas das autarquias.....	251
3.1.15 Os tumultos populares.....	251
3.1.16 Situação geral em 1839 e nova legislação.....	252
3.1.17 A concessão de propriedades da Fazenda Nacional para estabelecimento dos novos cemitérios.....	257
3.1.18 Concessões de cercas conventuais aprovadas em 19 de Julho de 1839.....	259

3.1.19	O Cemitério da Figueira da Foz.....	262
3.1.20	O Cemitério de Évora.....	267
3.1.21	O caso de Montemor-o-Novo.....	268
3.1.22	O caso de Viseu.....	270
3.1.23	O caso de Viana do Castelo.....	271
3.1.24	O caso de Braga.....	275
3.1.25	O Cemitério de Aveiro.....	277
3.1.26	O cemitério oitocentista de Torres Novas.....	279
3.1.27	O caso de Vila Nova de Gaia.....	281
3.1.28	Os primeiros cemitérios oitocentistas na Madeira.....	283
3.1.29	O primeiro cemitério oitocentista de Nisa.....	285
3.1.30	O caso de Vila Real.....	285
3.1.31	A construção do Cemitério de S. Dinis (Vila Real).....	286
3.1.32	O caso de Pombal.....	290
3.2	OS CEMITÉRIOS NO PORTO DESDE 1835 ATÉ 1844.....	291
3.2.1	A CONSTRUÇÃO DO CEMITÉRIO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA LAPA.....	291
3.2.1.1	O papel de José Luís Nogueira na obra do Cemitério da Lapa.....	293
3.2.1.2	O papel de João da Silva Ribeiro.....	297
3.2.1.3	A benção do Cemitério da Lapa e as obras realizadas no ano de 1838.....	298
3.2.1.4	A benção do Cemitério da Lapa.....	300
3.2.1.5	As obras do Cemitério da Lapa realizadas entre 1839 e 1840.....	302
3.2.1.6	Um funeral para o Cemitério da Lapa em finais de 1839.....	303
3.2.1.7	O portal do Cemitério da Lapa.....	304
3.2.1.8	A construção das primeiras catacumbas do Cemitério da Lapa.....	306
3.2.1.9	O Cemitério da Lapa em 1841.....	308
3.2.1.10	A concepção urbanística do Cemitério da Lapa.....	310
3.2.1.11	Outras obras no Cemitério da Lapa a partir de 1841.....	311
3.2.1.12	O portão do Cemitério da Lapa.....	312
3.2.1.13	Obras de finalização do Cemitério da Lapa.....	313
3.2.1.14	O Cemitério da Lapa em 1844 e a questão das catacumbas.....	316
3.2.2	A CRIAÇÃO DO CEMITÉRIO MUNICIPAL DO PRADO DO REPOUSO.....	318
3.2.2.1	A Quinta do Prado do Bispo.....	320
3.2.2.2	A carta de lei de 5 de Março de 1838 e a negociação com a Mitra...321	
3.2.2.3	Dificuldades na negociação com a Mitra.....	323
3.2.2.4	Significado histórico do difícil processo negocial.....	328
3.2.2.5	O projecto para a Quinta do Prado do Bispo.....	329
3.2.2.6	A adaptação a cemitério da Quinta do Prado do Bispo.....	333
3.2.2.7	A autoria do projecto para o cemitério público do Porto.....	333
3.2.2.8	O carácter arquitectónico das capelas catacumbais e dos portais projectados para o Prado do Repouso.....	335
3.2.2.9	Preparativos para a benção e legitimação do Cemitério do Prado do Repouso.....	338
3.2.2.10	A inauguração do Cemitério do Prado do Repouso.....	339
3.2.2.11	O regulamento do Cemitério do Prado do Repouso.....	341
3.2.2.12	A capela do Cemitério do Prado do Repouso.....	351
3.2.3	A EVOLUÇÃO DO CEMITÉRIO DO PRADO DO REPOUSO APÓS 1839 E O CONFLITO COM OS CEMITÉRIOS PRIVATIVOS.....	352
3.2.3.1	Consequências do edital de 4 de Dezembro de 1839.....	352
3.2.3.2	Obras de acabamento e os primeiros enterramentos no Prado do Repouso.....	357
3.2.3.3	Prado do Repouso: cemitério ou quinta agrícola?.....	359
3.2.3.4	Situação do Prado do Repouso em 1841.....	360

3.2.3.5 O alargamento do Cemitério da Trindade.....	362
3.2.3.6 A situação do Prado do Repouso em 1843.....	363
3.2.3.7 O Cemitério de Águeda.....	364

CAPÍTULO 4

DE 1844 A 1855 – ABORDAGEM HISTÓRICA

4.1 NOVA LEGISLAÇÃO SOBRE CEMITÉRIOS EM 1844.....	368
4.1.1 Cemitérios públicos criados após 1844.....	374
4.1.2 O Cemitério de Montemor-o-Novo.....	375
4.1.2.1 O portal do Cemitério de Montemor-o-Novo.....	377
4.1.2.2 A questão do regulamento do Cemitério de Montemor-o-Novo.....	378
4.1.2.3 A influência dos cemitérios do Porto na organização urbanística do Cemitério de S. Francisco de Montemor-o-Novo.....	380
4.2 OS CEMITÉRIOS DO PORTO APÓS A LEI DE COSTA CABRAL.....	382
4.2.1 A situação do Cemitério do Prado do Repouso na segunda metade da década de 1840.....	383
4.2.2 A questão da designação "Prado do Repouso".....	384
4.2.3 A ameaça de cólera em 1848.....	388
4.3 OS CEMITÉRIOS DO PORTO NA PRIMEIRA METADE DA DÉCADA DE 1850.....	389
4.3.1 O Cemitério do Hospital de Santo António.....	389
4.3.2 O Cemitério do Bonfim.....	391
4.3.3 Os tumultos ocorridos no Porto em 1851.....	394
4.3.4 Os cemitérios privativos em Vila Real.....	403
4.3.5 O caso de Braga.....	404
4.3.6 Os cemitérios do Alto Minho em finais da década de 1840 e início da década de 1850.....	408
4.3.7 A prolongada inexistência de cemitério público em Coimbra.....	412
4.3.8 Situação no Distrito de Coimbra em 1851.....	418
4.3.9 Situação em Viseu.....	428
4.3.10 O Cemitério de Santa Maria da Feira.....	431
4.4 CONTRASTE COM OS CEMITÉRIOS NA EUROPA DE MEADOS DA DÉCADA DE 1850.....	431
4.4.1 Os cemitérios nos Estados Unidos da América.....	432
4.4.2 O movimento do "cemitério rural".....	432
4.4.3 Evolução dos cemitérios britânicos na década de 1850 e o caso de Londres.....	434

CAPÍTULO 5

DE 1835 A 1848 – ABORDAGEM ARTÍSTICA

5.1 OS PRIMEIROS MONUMENTOS ROMÂNTICOS NOS CEMITÉRIOS CATÓLICOS DE LISBOA.....	440
5.1.1 O periódico "O Panorama", Alexandre Herculano e os monumentos do Cemitério dos Prazeres.....	441
5.1.2 O Cemitério dos Prazeres antes de 1839.....	446
5.1.3 O Cemitério dos Prazeres em 1843.....	449
5.1.4 Monumentos nos cemitérios municipais de Lisboa construídos até 1844.....	450
5.1.5 Descrição dos monumentos sepulcrais incluídos na obra <i>Os túmulos</i>	453
5.1.6 A quase ausência de grades nos primeiros monumentos do Cemitério dos Prazeres.....	457
5.1.7 As primeiras cabeceiras no Cemitério dos Prazeres.....	460
5.1.8 Mais exemplos de monumentos sepulcrais incluídos em <i>Os túmulos</i>	461

5.1.9 Os monumentos com coluna e urna de remate.....	462
5.1.10 Outros monumentos seleccionados na obra <i>Os túmulos</i>	463
5.1.11 A questão dos jazigos em forma de capela.....	469
5.1.12 Monumentos da década de 1840 no Cemitério Britânico de Lisboa.....	472
5.2 PRIMEIROS MONUMENTOS ROMÂNTICOS NOS CEMITÉRIOS CATÓLICOS DO PORTO.....	474
5.2.1 O MONUMENTO A JOSÉ FERREIRA BORGES, NO CEMITÉRIO DA LAPA.....	474
5.2.1.1 Sobre José Ferreira Borges.....	474
5.2.1.2 O envolvimento da Associação Comercial do Porto.....	475
5.2.1.3 A comissão para a construção do monumento.....	476
5.2.1.4 O orçamento do monumento a José Ferreira Borges.....	479
5.2.1.5 A autoria do busto de José Ferreira Borges.....	480
5.2.1.6 O monumento a José Ferreira Borges.....	481
5.2.1.7 A escolha do escultor ornatista Fidele Baldi.....	482
5.2.2 O MONUMENTO AO BISPO ELEITO DO PORTO D. MANUEL DE SANTA INÊS, NO CEMITÉRIO DA LAPA.....	484
5.2.2.1 Os incidentes aquando do funeral de D. Manuel de Santa Inês.....	484
5.2.2.2 A construção do monumento ao Bispo D. Manuel de Santa Inês.....	485
5.2.2.3 A despesa com o monumento ao Bispo D. Manuel da Santa Inês.....	487
5.2.2.4 A despesa com a trasladação.....	490
5.2.2.5 Descrição do monumento a D. Manuel de Santa Inês.....	492
5.2.3 AS PRIMEIRAS CAPELAS LATERAIS DO CEMITÉRIO DA LAPA.....	494
5.2.3.1 A capela dos Barões de Ancede.....	494
5.2.3.1.1 Breve biografia de José Henriques Soares (Barão de Ancede).....	495
5.2.3.1.2 Sobre a capela dos Barões de Ancede.....	497
5.2.3.1.3 Os portões nos jazigos-capela.....	497
5.2.3.1.4 O portão da capela dos Barões de Ancede.....	499
5.2.3.1.5 A capela funerária da família Abreu Lima, no claustro da Misericórdia de Viana do Castelo.....	501
5.2.3.2 A capela de Barnabé Mendes de Carvalho.....	502
5.2.3.3 A capela de Domingos de Oliveira Maia.....	504
5.2.3.3.1 Sobre os Oliveira Maia.....	506
5.2.3.4 A capela de José António de Castro Pereira.....	508
5.2.4 OUTROS DOS PRIMEIROS MONUMENTOS NO CEMITÉRIO DA LAPA.....	510
5.2.4.1 O jazigo de Bruno Romão Jowe.....	510
5.2.4.2 O mausoléu de Francisco Pinto Gonçalves Júnior.....	511
5.2.4.3 O mausoléu de Francisco Ferreira Bessa.....	512
5.2.4.4 O mausoléu de António de Andrade.....	513
5.2.4.5 O mausoléu de Manuel Joaquim Gomes de Faria.....	515
5.2.4.6 O mausoléu de João de Almeida Brandão Aguiar Penetra.....	516
5.2.4.7 O mausoléu de António Joaquim Pereira.....	517
5.2.4.8 O jazigo de Clara Emília de Melo Wye.....	519
5.2.4.9 OS OBELISCOS NO CEMITÉRIO DA LAPA.....	519
5.2.4.9.1 O obelisco de António José da Costa Lobo.....	519
5.2.4.9.2 O obelisco de Clemente Albino da Silva Matos de Carvalho.....	522
5.2.4.9.3 O obelisco de Joaquim José Pereira de Abreu.....	523
5.2.4.10 O monumento ao Coronel José Joaquim Pacheco.....	524
5.2.4.11 O canteiro João Albertino de Azevedo.....	526
5.2.4.12 O mausoléu de João José Borges.....	528
5.2.4.13 A estela de Bernarda Távora de Carvalho.....	529
5.2.4.14 O mausoléu de Domingos Ribeiro dos Santos.....	530
5.2.4.15 O gradeamento do jazigo de Domingos Ribeiro dos Santos.....	532

5.2.4.16 A PRODUÇÃO DE OBRAS PARA CEMITÉRIOS POR PARTE DA COMPANHIA DE ARTEFACTOS DE METAIS.....	533
5.2.4.16.1 Contextualização do catálogo da Companhia de Artefactos de Metais.....	534
5.2.4.16.2 História da Companhia de Artefactos de Metais.....	536
5.2.4.16.3 Obras da Companhia de Artefactos de Metais no Cemitério da Lapa.....	537
5.2.4.16.4 Análise das propostas da Companhia de Artefactos de Metais para cemitérios.....	539
5.2.4.17 O mausoléu de António Tomás de Negreiros.....	541
5.2.4.18 DUAS CAPELAS LATERAIS CONSTRUÍDAS NO CEMITÉRIO DA LAPA EM 1843-1844.....	542
5.2.4.18.1 A capela do Barão de Massarelos.....	543
5.2.4.18.1.1 O Barão de Massarelos.....	544
5.2.4.18.2 A capela de Luís António Dias Guimarães.....	546
5.2.4.19 O mausoléu de José Gomes Ribeiro Galvão.....	549
5.2.4.20 Os monumentos do Cemitério da Lapa no início de 1844.....	550
5.3 MONUMENTOS SEPULCRAIS ERIGIDOS ATÉ 1844 EM OUTROS CEMITÉRIOS PORTUGUESES.....	551
5.3.1 Placas tumulares no Cemitério de Portalegre.....	552
5.3.2 Primeiros monumentos no Cemitério dos Remédios (Évora).....	553
5.3.3 Os primeiros monumentos no Cemitério de Aveiro.....	554
5.4 ALGUNS MONUMENTOS MAIS MARCANTES ERIGIDOS NOS CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE LISBOA NA SEGUNDA METADE DA DÉCADA DE 1840.....	556
5.4.1 A capela de Faustino da Gama.....	557
5.4.2 O jazigo de Domingos José de Almeida Lima.....	559
5.4.3 O mausoléu de Francisco Barbosa de Brito (Cemitério do Alto de S. João, 1847).....	561
5.5 MONUMENTOS CONSTRUÍDOS ENTRE 1844 E 1848 NO CEMITÉRIO DA LAPA... 562	
5.5.1 AS CAPELAS LATERAIS ERIGIDAS NO CEMITÉRIO DA LAPA DE 1844 A 1848.....	562
5.5.1.1 A capela de Bernardino José Braga, de 1844-1845.....	562
5.5.1.2 A capela de Luís Lopes Vieira de Castro, de 1845.....	565
5.5.1.3 As capelas gémeas de Manuel José Pereira de Lima e de Manuel José Duarte Guimarães, erigidas em 1845-1846.....	568
5.5.1.4 A capela de José Martins da Costa, de 1846.....	571
5.5.1.5 A INTERESSANTE CAPELA DA FAMÍLIA DE JOSÉ LUÍS NOGUEIRA.....	573
5.5.1.5.1 Sobre José Luís Nogueira.....	574
5.5.1.5.2 Sobre José Luís Nogueira Júnior.....	575
5.5.1.5.3 A questão da datação da capela de José Luís Nogueira.....	576
5.5.1.5.4 A questão da autoria da capela de José Luís Nogueira.....	577
5.5.1.6 A capela de Tomás Pereira Guimarães.....	579
5.5.2 MONUMENTOS DE DIMENSÃO MAIS MODESTA CONSTRUÍDOS NO CEMITÉRIO DA LAPA ENTRE 1844 E 1848.....	580
5.5.2.1 Um mausoléu mandado erigir por João Luís de Melo.....	580
5.5.2.2 O mausoléu de Firmino de Miranda.....	581
5.5.2.3 O mausoléu de George Redpath.....	581
5.5.2.4 Os jazigos rasos da segunda metade da década de 1840.....	583
5.5.3 OS AMATUCCI.....	584
5.5.3.1 O mausoléu de Manuel da Cruz Braga, de 1846.....	590
5.5.3.2 O mausoléu do Barão de Castelo de Paiva, de 1847.....	592
5.5.3.3 Os mausoléus de António Lemos Teixeira de Aguiar e da família Fernandes de Torres.....	594

5.6 OS PRIMEIROS MONUMENTOS CONSTRUÍDOS EM OUTROS CEMITÉRIOS DO PORTO, ATÉ 1848.....	598
5.6.1 O monumento ao Abade de Vilaça, no antigo Cemitério de Santo Ildfonso.....	601
5.7 OUTROS MONUMENTOS ERIGIDOS EM CEMITÉRIOS PORTUGUESES NA SEGUNDA METADE DA DÉCADA DE 1840.....	602
5.7.1 Monumentos no Cemitério de Aveiro.....	602
5.7.2 Um monumento singelo no Cemitério de Santarém.....	603
5.7.3 Um monumento no Cemitério de Vila do Conde.....	604
5.7.4 Dois monumentos no Cemitério do Carmo, em Vila Real.....	605
5.7.5 Um monumento no Cemitério de Évora.....	607

CAPÍTULO 6

DE 1848 A 1855 – ABORDAGEM ARTÍSTICA

6.1 A CAPELA DA FAMÍLIA FERREIRA E A OBRA DO CEMITÉRIO DA RÉGUA (1845-1849).....	610
6.1.1 Sobre António Bernardo Ferreira.....	610
6.1.1.1 A morte de António Bernardo Ferreira.....	611
6.1.1.2 A Compagnie Générale des Sépultures.....	611
6.1.1.3 A chegada do cadáver de António Bernardo Ferreira ao Porto.....	613
6.1.1.4 A alienação de património dos herdeiros de António Bernardo Ferreira.....	615
6.1.2 Início das obras no Cemitério do Peso da Régua.....	616
6.1.3 A dificuldade das obras no Cemitério do Peso da Régua.....	618
6.1.4 A influência dos Costa Lima na obra da Régua.....	620
6.1.5 A relação entre Manuel José do Couto Guimarães e a família Ferreira.....	624
6.1.6 A obra de serralharia do Cemitério da Régua e a intervenção de Emídio Amatucci.....	624
6.1.7 A finalização da obra do jazigo-capela.....	626
6.1.8 A obra de Emídio Amatucci no jazigo-capela da Régua.....	632
6.1.9 Uma obra interminável.....	635
6.1.10 Preparativos para a trasladação de António Bernardo Ferreira para a Régua.....	636
6.1.11 Intervenção de Francisco da Costa Almeida na obra do jazigo-capela dos Ferreira.....	638
6.1.12 A trasladação.....	640
6.1.13 Análise do jazigo-capela da família de António Bernardo Ferreira.....	641
6.1.14 Análise do portal e da capela mortuária do Cemitério do Peso da Régua.....	644
6.2 O OFÍCIO DE CANTEIRO DE MÁRMORES NO PORTO DA DÉCADA DE 1840.....	647
6.2.1 O canteiro José Alves da Cunha e a obra do palacete da Trindade.....	647
6.2.2 O litígio de José Alves da Cunha com Antónia Adelaide Ferreira.....	650
6.2.3 A relação de José Alves da Cunha com Manuel da Fonseca Pinto.....	655
6.2.4 Os canteiros do Porto em finais da década de 1840.....	659
6.2.5 A actividade de Emídio Carlos Amatucci em 1849.....	662
6.2.5.1 O busto do Rei Carlos Alberto da Sardenha.....	667
6.2.5.2 O monumento sepulcral de Edward Egan.....	670
6.2.5.3 A CAPELA DE JOAQUIM PINTO LEITE, NO CEMITÉRIO DA LAPA.....	670
6.2.5.3.1 Sobre os Pinto Leite.....	670
6.2.5.3.2 Joaquim Pinto Leite e o seu gosto artístico.....	674
6.2.5.3.3 A construção do jazigo-capela de Joaquim Pinto Leite.....	676
6.2.5.3.4 Sobre a capela de Joaquim Pinto Leite.....	679

6.3 MONUMENTOS MAIS SIGNIFICATIVOS ERIGIDOS NOS CEMITÉRIOS DE LISBOA, DE 1848 A 1855.....	684
6.3.1 O jazigo do Duque de Palmela, no Cemitério dos Prazeres.....	684
6.3.2 A viragem da década de 1840 para a década de 1850 nos cemitérios de Lisboa.....	690
6.3.3 Primeiros desenhos para monumentos sepulcrais nos cemitérios de Lisboa.....	692
6.3.4 O mestre canteiro João Anastácio da Gama.....	694
6.3.5 Joaquim Pedro Aragão.....	697
6.3.6 A influência de José da Costa Sequeira.....	698
6.3.7 A oficina Baldi.....	701
6.3.8 Obras da oficina Baldi.....	703
6.3.9 Os mausoléus em forma de calvário executados pela oficina Baldi.....	706
6.3.10 O desenhador J. A. Sousa.....	707
6.3.11 Dois mausoléus singulares no Cemitério dos Prazeres.....	707
6.3.12 O canteiro Manuel Luís Caetano.....	709
6.3.13 Tipologias de capelas sepulcrais anteriores a 1855, nos cemitérios lisboetas.....	712
6.3.14 A capela dos Viscondes de Coruche.....	717
6.3.15 A influência de Cinatti na tumulária romântica de Lisboa.....	719
6.3.16 O jazigo da família Bessone, no Cemitério do Alto de S. João.....	722
6.3.17 O recurso às estátuas alegóricas.....	725
6.3.18 Outras inspirações vindas dos cemitérios parisienses.....	727
6.3.19 Outras tipologias de capelas deste período.....	728
6.3.20 Mais tipologias de monumentos dos cemitérios de Lisboa, no início da década de 1850.....	729
6.3.21 O canteiro Francisco Romano de Sales.....	730
6.3.22 O monumento sepulcral dos Barões de Porto Covo da Bandeira.....	731
6.3.23 Tipologias de monumentos dos cemitérios de Lisboa com utilização nas décadas seguintes.....	732
6.3.24 O canteiro Miguel Filipe.....	733
6.3.25 A introdução das estéticas neogóticas nos cemitérios de Lisboa.....	734
6.3.26 A influência da decoração dos catafalcos na tumulária romântica.....	734
6.3.27 Os projectos para túmulo de D. Pedro IV, em S. Vicente de Fora.....	735
6.3.27.1 A proposta de Lucas Pereira.....	737
6.3.27.2 A proposta de Fidele Baldi.....	739
6.3.28 Monumentos sepulcrais originais ou singulares erigidos nos cemitérios de Lisboa entre 1850 e 1855.....	742
6.3.29 O mausoléu dos Almeida Garrett.....	745
6.4 MONUMENTOS ERIGIDOS NO CEMITÉRIO DA LAPA ENTRE 1850 E 1855.....	746
6.4.1 CAPELAS LATERAIS.....	746
6.4.1.1 A capela de António José Gonçalves Braga.....	746
6.4.1.2 As capelas de Filipe José de Almeida e de António Ferreira Mendes Guimarães.....	747
6.4.1.3 Uma ideia megalómana não concretizada: a capela de José Pinto Leite.....	751
6.4.2 OUTROS MONUMENTOS ERIGIDOS NO CEMITÉRIO DA LAPA ENTRE 1850 E 1855.....	752
6.4.2.1 O mausoléu de António José Pereira de Oliveira.....	752
6.4.2.2 O mausoléu de Ana Amália Peixoto Ribeiro.....	753
6.4.2.3 O mausoléu de Joaquim Luís dos Santos.....	755
6.4.2.4 O mausoléu de João da Silva Ribeiro.....	755
6.4.2.4.1 O monumento mandado erigir por João da Silva Ribeiro....	758
6.4.2.5 O monumento de António de Oliveira Guimarães.....	760
6.4.2.6 O monumento sepulcral de José Moreira de Sousa Machado.....	762

6.4.2.7 O monumento sepulcral de José Mendes Braga.....	763
6.4.2.8 O monumento sepulcral de António José Peixoto de Oliveira.....	765
6.4.2.9 O monumento sepulcral de João António Barros Lima.....	766
6.4.2.10 O mausoléu de André Castro Reis.....	767
6.4.2.11 O jazigo de José Azevedo Gouveia Mendanha.....	767
6.4.2.12 A capela da família Santos Silva.....	768
6.5 MONUMENTOS ERIGIDOS NO CEMITÉRIO DO PRADO DO REPOUSO ANTES DE 1855.....	772
6.5.1 O jazigo dos Andrade Basto.....	772
6.5.2 O jazigo de João Marcelino Pimentel.....	774
6.5.3 O mausoléu do Comendador Domingos Carvalho de Sá.....	776
6.5.4 O jazigo da família Cervães.....	777
6.5.5 O jazigo de família de João Nogueira Gandra.....	780
6.5.6 O monumento sepulcral de Vicente José de Carvalho.....	781
6.5.7 O monumento sepulcral da família Callanane.....	782
6.5.8 O monumento sepulcral de Augusto Roquemont.....	784
6.5.9 Os mausoléus da família Teixeira Pinto Basto.....	786
6.5.10 A preponderância de Emídio Amatucci na execução dos primeiros monumentos do Prado do Repouso.....	788
6.5.11 O monumento sepulcral de Bernardo Joaquim Pinto.....	789
6.5.12 O mausoléu de José Martins de Azevedo.....	790
6.6 MONUMENTOS ERIGIDOS NOUTROS CEMITÉRIOS DO PAÍS ENTRE 1848 E 1855.....	792
6.6.1 Três monumentos no Cemitério de Setúbal.....	792
6.6.2 Um singular monumento no Cemitério da Figueira da Foz.....	794
6.6.3 Uma tipologia de monumento generalizada por Emídio Amatucci no fim da década de 1840.....	795
6.6.4 Outras obras de Emídio Amatucci no início da década de 1850.....	797
6.6.5 A intervenção de Emídio Amatucci no cemitério catacumbal da Ordem Terceira de S. Francisco.....	798
6.6.6 Pequenas urnas.....	800
6.6.7 Monumentos erigidos por volta de 1855 em cemitérios fora de Lisboa e Porto.....	800
6.6.8 As trasladações de cemitérios para capelas particulares.....	804
6.6.9 Outros monumentos erigidos por volta de 1855 em cemitérios fora de Lisboa e do Porto.....	806
6.7 A QUESTÃO DOS MATERIAIS E DAS OFICINAS.....	808
6.7.1 Pedro Bartolomeu Déjante e o seu papel na indústria da pedra em Portugal.....	810
6.7.2 Evolução do gosto e divulgação dos mármorees portugueses em exposições.....	814
6.7.3 Os autores de tumulária nos cemitérios de Lisboa, entre 1850 e 1855.....	818
6.7.4 Os autores de tumulária nos cemitérios do Porto, entre 1850 e 1855.....	821
6.7.5 A mobilidade entre canteiros.....	824
6.8 FONTES DE INSPIRAÇÃO PARA A TUMULÁRIA ROMÂNTICA PORTUGUESA ANTERIOR A 1855.....	826
6.8.1 A influência por via francesa.....	826
6.8.2 O cosmorama.....	828
6.8.3 A influência por via britânica.....	828
6.8.4 A influência dos periódicos portugueses.....	829
6.8.5 A questão dos epitáfios.....	835

PREFÁCIO

Em 1992, decorreu em Sevilha o primeiro congresso internacional sobre cemitérios contemporâneos. Na mesma época, os cemitérios andaluzes foram inventariados por ordem da respectiva autoridade regional, tendo alguns sido classificados devido à sua relevância histórico-artística. Foi mesmo publicada uma obra sobre o tema¹.

Em 1993 realizou-se o primeiro simpósio internacional de arte cemiterial em Wrocław (Polónia), cujas actas foram publicadas pelo ICOMOS. Mont Auburn (E.U.A.), Highgate (Londres), Père Lachaise (Paris) e Woodland (Estocolmo) foram considerados cemitérios merecedores do epíteto Património da Humanidade².

Em Portugal, o cemitério judaico de Faro está também classificado há vários anos³, sendo até assinalado em guias turísticos, apesar de ser um cemitério pequeno, quase abandonado e sem monumentos de realce no interior. Ora, existem muitos outros cemitérios oitocentistas em Portugal com maior relevo. Alguns deles são cemitérios românticos notáveis no contexto europeu, apesar de cada vez mais despojados dos valores que contêm, perdendo-se frequentemente a leitura global dos seus espaços oitocentistas. Os cemitérios dos Prazeres, do Alto de S. João, da Lapa, de Agramonte e do Prado do Repouso, bem como alguns mais, merecem maior estudo, valorização e protecção patrimonial - não tanto pelos cemitérios em si, mas por aquilo que representam para a História da Arte, para a História ou para a Antropologia.

Infelizmente, o estudo dos cemitérios portugueses do ponto de vista artístico encontra-se ainda no início. Alguns trabalhos publicados há várias décadas, como *Subsídios para a heráldica tumular moderna olisiponense*, de Ruy Dique Travassos Valdez, ou *Cemitérios, jazigos e sepulturas*, de Vítor Manuel Lopes Dias, referiram-se a aspectos artísticos dos cemitérios oitocentistas, mas não tiveram como propósito fazer um estudo específico da tumulária romântica.

No início da década de 1990, alguma investigação sobre cemitérios foi realizada em Lisboa, destacando-se Francisco Moita Flores e Anabela Valente (da Câmara Municipal de Lisboa). Parte da investigação resultou na obra colectiva *Cemitérios de Lisboa: entre o real e o imaginário*, o primeiro livro sobre cemitérios oitocentistas publicado em Portugal. Contudo, esta obra não se inseriu num âmbito académico e nem sequer pode ser considerado um estudo de História da Arte. A abordagem artística é diminuta em relação ao todo e as vertentes exploradas são excessivamente restritas.

No Porto, foi também por esta altura realizada uma exposição de fotografia comemorativa do 150.º aniversário do Cemitério do Prado do Repouso, cujo catálogo se intitulou *Arte e silêncio* (1989). Ao nível da História da Arte, revelou-se muito frágil esta primeira experiência, mas acabou por ser um importante precedente, tal como o foi a já referida obra sobre os cemitérios de Lisboa.

Para que o estudo artístico dos cemitérios oitocentistas portugueses se pudesse desenvolver foi necessário maior suporte bibliográfico sobre os aspectos históricos do estabelecimento desses mesmos cemitérios. Esta área de estudo terá despertado em Portugal sobretudo na década de 1980, com vários autores, mas tendo-se destacado - pela persistência na abordagem ao tema - Fernando Catroga. Este investigador entrou ocasionalmente por aspectos artísticos do cemitério romântico, como no artigo *A monumentalidade funerária como símbolo de distinção social*. Contudo, os seus principais interesses nos cemitérios portugueses centraram-se em questões históricas,

¹ Vd. *Cementerios de Andalucía. Arquitectura y Urbanismo*. Textos de Javier Rodríguez Barberán. S.I., Junta de Andalucía - Consejería de Obras Públicas y Transportes, 1993.

² Cf. RUGG, Julie - *Cemeteries: a cultural history. 1740-2001*. Provas para publicação, s/p.

³ Cf. IRIA, Alberto - *Os Judeus no Algarve Medieval e o Cemitério Israelita de Faro do século XIX. História e epigrafia*. In "Anais do Município de Faro", vol. XIV, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1985, p. 55.

nomeadamente a questão da laicização da morte. Sobre este particular aspecto, Fernando Catroga é autor de um estudo de síntese, que denota grande maturidade de investigação: *O céu da memória; Cemitério romântico e culto cívico dos mortos* (1999).

Em termos de estudo de tumulária oitocentista na perspectiva da História da Arte ou do Património, este iniciou-se sobretudo há cerca de uma década, com alguns trabalhos de seminário de licenciatura (na Universidade Portucalense) e de mestrado em História da Arte, nomeadamente em Coimbra e no Porto. Dos poucos trabalhos deste género a que tivemos acesso (alguns apenas os conhecemos de referências em nota de rodapé, pois não estão disponíveis em bibliotecas), ressalta o carácter monográfico e limitado do seu âmbito temático. Referenciemos, por exemplo, *Tendências histórico-artísticas do século XIX; Neogótico nos cemitérios do concelho de Vila Nova de Gaia*, de Américo Augusto Moutinho Borges, ou *A Arquitectura na Póvoa de Varzim e os revivalismos no último quartel do século XIX e primeiro quartel do século XX*, de Deolinda Maria Veloso Carneiro. Geralmente válidos, pelo seu carácter pioneiro e dado o grande vazio bibliográfico sobre o tema em Portugal, estes trabalhos académicos são de alguma fragilidade científica, até porque não procuraram fazer termos de comparação.

Os autores destes trabalhos raramente procuraram prosseguir o estudo ou publicar conclusões. Felizmente, no caso do Porto, o historiador de arte Gonçalo de Vasconcelos e Sousa realizou um trabalho de seminário (conclusão de licenciatura) - *Cemitérios Portuenses: História e arte* - que claramente se destaca dos demais e que, nos anos seguintes, foi sendo publicado por partes em vários periódicos. Este investigador teve o mérito de ser o primeiro em Portugal a procurar investigar as principais vertentes de abordagem aos cemitérios românticos, incluindo a questão dos canteiros e os aspectos de salvaguarda patrimonial. Porém, o estudo não prosseguiu, tendo sido sobretudo dados à estampa elementos documentais e iconográficos que ficaram por esmiuçar e por inserir num contexto crítico mais vasto.

Em resumo, o estudo artístico dos cemitérios portugueses estava ainda no início, quando, em 1994, iniciámos a investigação nesta área. Trata-se de uma área de estudo difícil, o que inibe a pesquisa a muitos investigadores. O trabalho de campo obriga à convivência muito prolongada com espaços da morte, o que pode tornar vulnerável o investigador face as suas próprias vivências emocionais. Isto explicará parcialmente – como constatámos já em alguns casos – o facto de existirem actualmente várias pessoas com interesse no tema, mas que sobre o mesmo não fazem investigação. Em outros casos, a grande dificuldade em investigar a tumulária romântica prende-se com a sociedade em geral: mesmo nas mais altas esferas culturais é usual considerar-se o estudo artístico dos cemitérios como dispensável, mero capricho extravagante ou mórbido. Torna-se, pois, muito difícil publicar estudos sobre arte funerária e publicações com carácter comercial sobre esse tema são praticamente irrealizáveis em Portugal, dado o preconceito que rodeia a temática.

Luís Miguel Nunes Carolino (*A cidade dos mortos - um espelho da cidade dos vivos; Estratégias de afirmação social no cemitério de N.ª S.ª dos Remédios de Évora; 1840-1910*) e o arqueólogo António Manuel dos Santos Pinto da Silva (*Estelas funerárias em xisto em cemitérios de Arouca. Elementos para a iconologia sepulcral da época contemporânea*) são exemplos de autores cujas abordagens foram inovadoras e promissoras, mas que não terão prosseguido o estudo.

Assim, apesar destes precedentes e de alguns pequenos estudos que foram sendo publicados na década de 1990 (como o de Margarida Soares, *Morte, arte e memória*), a primeira Tese de Mestrado sobre aspectos artísticos da tumulária do século XIX foi a nossa *O ferro na arte funerária do Porto oitocentista; O Cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, 1833-1900*, defendida em 1997. Esta dissertação foi pioneira, não só na abordagem aos cemitérios, mas também em termos do estudo de algumas artes aplicadas, estudo esse que, em Portugal, estava também por fazer de forma consistente. No caso da serralharia, existia então alguma bibliografia de qualidade aceitável, mas ignorando os cemitérios e, geralmente, o próprio século XIX. No caso da fundição artística, o assunto estava ainda quase virgem em Portugal e, sobretudo, era objecto de preconceito por parte da bibliografia existente. Também procurámos valorizar o trabalho das cantarias de ornato,

o que – à altura – tinha sido apenas feito, de forma mais resumida, por Gonçalo de Vasconcelos e Sousa e por Lucília Verdelho da Costa.

Dois anos depois de termos defendido a nossa Tese de Mestrado, surgiu outra dissertação de idêntico grau e na mesma área científica, de Paula Cristina André dos Ramos Pinto Vieira, *Os cemitérios de Lisboa no século XIX; Pensar e construir o novo palco da memória* (F.C.S.H., 1999). Sabemos também que foi iniciada uma outra dissertação na mesma área, mas ainda desconhecemos se chegou a ser concluída.

O estudo desta temática vai-se alargando, mas a um ritmo ainda muito lento, uma vez que as investigações tendem a não prosseguir para além do âmbito académico. Ora, o estudo que iniciámos aquando da nossa Tese de Mestrado foi sendo ampliado nos anos seguintes: contam-se já mais de vinte artigos de investigação publicados sobre o tema e algumas comunicações em congressos, o que facilmente nos coloca na posição de autor português com mais investigação e mais trabalhos publicados na área da arte funerária oitocentista. Note-se, porém, que a esmagadora maioria desta investigação tem sido conduzida em conjunto com Ana Margarida Portela, cuja formação de base em Conservação e Restauro nos tem permitido também uma abordagem mais técnica aos cemitérios românticos e focando ainda mais a vertente patrimonial.

Assim, entre 1998 e 2000 realizámos juntamente com Ana Margarida Portela um trabalho de investigação mais alargado, dedicado ao Cemitério de Santo António do Carrascal (Leiria). Este estudo encontra-se ainda no prelo. No entanto, é já o primeiro estudo em Portugal sobre um cemitério romântico que abarca todas as principais perspectivas: a histórica, a urbanística, a artística/iconográfica, a sociológica, a genealógica/biográfica, e a conservativa/patrimonial.

Com este estudo, procurámos apontar claramente para o que deve ser o futuro da investigação em Portugal sobre este tema. Efectivamente, quando se debruça a fundo sobre a arte funerária oitocentista, acaba-se por perceber que os cemitérios românticos são um meio ímpar de compreender todo o século XIX e não só em termos artísticos. Por esta razão, não nos consideramos um investigador *dos* cemitérios – como muitos nos têm apelidado – mas um investigador que se serve dos cemitérios como fonte arquivística, estética e iconográfica fundamental para a História da Arte em Portugal no século XIX, nomeadamente, para a História urbana, para as artes industriais, para a arquitectura de memória e para a escultura. Julgamos mesmo que uma das razões que explica a falta de amplitude e de solidez de grande parte dos estudos sobre a arte de Oitocentos em Portugal é a incipiente abordagem aos cemitérios, numa época em que estes espelharam – como nunca – toda a mentalidade que é necessário compreender para entender as obras artísticas do mesmo período.

A presente Tese de Doutoramento pretende ser, pois, uma continuação lógica e, em muitos pontos, um aprofundamento de todo esse estudo que temos vindo a desenvolver desde 1994. Doravante, pensamos que será possível desmistificar o carácter mórbido com que muitos investigadores ainda encaram os cemitérios, bem como consciencializar as entidades responsáveis para o rápido processo de degradação e destruição a que os cemitérios oitocentistas actualmente estão sujeitos, abrindo novas perspectivas para uma progressiva musealização dos mais importantes cemitérios nacionais, como "**museus da morte romântica**". Nesse sentido, publicámos já um roteiro e um desdobrável sobre os principais cemitérios do Porto, encontrando-se actualmente o Cemitério da Lapa em processo de classificação pelo I.P.P.A.R., no seguimento de uma proposta que apresentámos em 2002.

Metodologia da investigação

A presente Tese de Doutoramento acaba por ser o primeiro estudo de síntese sobre os cemitérios portugueses, mesmo que o aprofundamento seja feito sobre um período cronológico restrito e uma região em concreto. Esta síntese não é feita só em matéria da História do estabelecimento dos cemitérios, mas também – sobretudo – ao nível do estudo socio-artístico dos monumentos que contêm.

O plano de trabalho inicial pretendia caracterizar e compreender toda a arte relacionada com a construção da memória no pós-morte executada no Porto durante o século XIX. Para além disso, pretendia igualmente estabelecer todo o tipo de paralelismos e diferenciações com o mesmo tipo de arte na região envolvente do Porto, circunscrita pelo Entre Douro e Minho e parte das Beiras (até Coimbra e Viseu), bem como Trás-os-Montes. Porém, muitas áreas destas regiões não foram objecto de levantamento exaustivo. Na verdade, não só a maioria dos cemitérios de regiões rurais (como é o caso, sobretudo porque a época a estudar é o século XIX) receberam poucos monumentos funerários oitocentistas, como também não se pretendia um estudo sobre **todos** os cemitérios das áreas geográficas atrás referidas. Tal seria inviável, em termos de dimensão do estudo e do tempo necessário para o realizar. Assim, procurámos focar sobretudo os cemitérios das localidades que seriam então mais povoadas, já que as restantes tiveram normalmente cemitérios mais tardios e artisticamente muito mais modestos. Aliás, mesmo na própria cidade do Porto, o grau de aprofundamento dado aos vários cemitérios dependeu muito da sua importância artística.

Mesmo assim, o âmbito cronológico do plano inicial revelou-se excessivamente amplo para o que poderia ser concluído sobre uma região tão vasta e tão rica na diversidade das suas manifestações artísticas do pós-morte e na variedade das fontes documentais compulsáveis. Assim, optámos por concentrar o aprofundamento desta temática na fase de *consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória*. Tendo como referência a cidade do Porto, podemos balizar este período entre cerca de 1835 e 1865. Para este período, consultámos exaustivamente a imprensa diária portuense, de modo a fazer eco do que - dia após dia - era relatado nos jornais quanto à questão dos cemitérios e dos seus monumentos.

Esta delimitação cronológica (1835-1865) corresponde ao período de tempo que medeia entre a criação legal dos cemitérios públicos e a maturação dos mais importantes cemitérios em Portugal – Lapa e Prazeres – plasmada em determinados fenómenos que irão ser abordados ao longo desta tese. Assim, queremos deixar claro que a consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória está aqui balizada apenas em relação aos cemitérios de charneira em Portugal, razão pela qual não incluímos este balizamento cronológico no subtítulo da tese. De facto, o processo de consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória foi desfasado e muito mais tardio nas províncias, como já tínhamos adiantado na nossa Tese de Mestrado.

Sendo a delimitação da área estilística sob influência dos cemitérios do Porto demasiado complexa para poder ser destrinchada em poucas palavras num título, optámos por aludir genericamente à relação entre os cemitérios do Porto e a arte funerária de todas as restantes áreas estilísticas em Portugal, apesar de nos termos preocupado sobretudo com o noroeste do país, como se pode verificar no mapa dos cemitérios que serviram de base à investigação (vol. II, p. 658).

De modo a consolidarmos a exposição evolutiva sobre a consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória no noroeste de Portugal – região esteticamente dependente do Porto em termos de arte funerária, mas onde os cemitérios românticos tardios foram muito comuns, optámos por abordar os cemitérios tardios mais relevantes (como o de Braga ou o de Leiria) e também uma selecção de monumentos emblemáticos erigidos nesta região após 1865. Deste modo, exemplificámos a consolidação mais tardia do fenómeno do cemitério romântico nos cemitérios da área estilística portuense e, simultaneamente, apontámos os primeiros indícios de desgaste dessa visão da morte, embora de forma muito resumida. Efectivamente, só o processo de consolidação tardia da vivência romântica nos cemitérios do Minho, por exemplo, abarcaria informação para mais do que uma tese de Doutoramento.

Para estabelecer os pontos de contacto e de afastamento entre os vários cemitérios do Porto e do noroeste de Portugal, na época em estudo, foi tida como ponto de partida e termo de comparação a tumulária oitocentista executada no resto do país (sobretudo em Lisboa) e em outros países da Europa (especialmente França e Inglaterra). Procurámos estabelecer esses paralelismos e diferenciações em termos de estéticas e de materiais dos

monumentos (não só na cantaria, como nas artes acessórias, nomeadamente no ferro) e também em termos dos processos de criação e concepção dos próprios cemitérios, como espaços urbanos muito peculiares, focando igualmente as várias sequências locais de resistência-aceitação social.

Este trabalho académico acaba por ser sobretudo um estudo generalista, na medida em que só foi feita alguma inventariação exaustiva nos principais cemitérios da cidade do Porto e sobretudo para a fase inicial do Romantismo. Nos restantes cemitérios, apenas aprofundámos o estudo sobre os monumentos mais relevantes.

Para além da já referida pesquisa na imprensa diária do Porto entre 1835 e 1865, foram três outras as principais vertentes do trabalho de investigação:

1. **Recolha de dados visuais e escritos (epígrafes dos monumentos) em vários cemitérios de todo o país.** Foi, obviamente, dado maior ênfase aos cemitérios da área geográfica esteticamente dependente do Porto. Refira-se que, nos quatro anos anteriores ao início da preparação desta tese, foram por nós levantados cerca de 230 cemitérios no país (do Minho ao Algarve). Este facto facilitou bastante a escolha dos cemitérios a estudar com maior profundidade. Equacionámos também um levantamento nos mais importantes cemitérios europeus do século XIX, de forma a estabelecer paralelismos: Père Lachaise (em Paris); Highgate e Kensal Green (Londres); Staglieno (Génova) e Monumentale de Milano (Milão), bem como outros importantes cemitérios (como o de Glasgow, o de Nápoles ou o de Veneza), e mesmo os mais importantes cemitérios da Galiza, sobretudo na zona da raia (por óbvias afinidades com o norte de Portugal). Contudo, tal não foi possível, por motivos económicos.
2. **Recolha de dados de arquivo.** Uma vez que o tema deste Doutoramento é uma continuação lógica da investigação por nós já realizada desde 1994, o plano de trabalho não incluiu muitos estudos prévios ou de reconhecimento. Também por isso, foi feita investigação em muitos arquivos por nós já consultados anteriormente (embora a consulta realizada em alguns deles, aquando do Mestrado, tenha-se cingido à inventariação de documentação com interesse). Esta pesquisa foi feita, não só nos muitos arquivos correntes da administração de cada cemitério, como também em vários outros arquivos não cemiteriais, do Porto, de Lisboa e de outras localidades. Mesmo já conhecendo os problemas com que se debatem os arquivos históricos das autarquias, das instituições privadas e dos organismos da administração central, julgávamos inicialmente poder encontrar mais dados do que aqueles que realmente encontramos. Os fundos dos governos civis existentes nos arquivos distritais do norte do país (à excepção do Porto), são muito pobres em documentação sobre cemitérios, não permitindo dar a visão generalista e a estratégia faseada da administração central quanto ao estabelecimento dos mesmos. Pior é a situação em alguns arquivos municipais e na generalidade dos arquivos de juntas de freguesia, onde quase toda a documentação oitocentista sobre o respectivo cemitério foi, pura e simplesmente, destruída. No caso dos arquivos municipais, notámos esta lacuna sobretudo em algumas autarquias do distrito de Aveiro. Efectivamente, ainda hoje os cemitérios são os "parentes pobres" das autarquias, até ao nível de arquivo: os seus documentos antigos são normalmente dos primeiros a ser destruídos, mesmo quando isso pode causar problemas jurídicos entre as autarquias e os concessionários dos jazigos que, em muitos casos, não possuem qualquer modo de fazer prova de que possuem um determinado jazigo, para além da mera tradição oral. No caso das instituições privadas detentoras de cemitérios, encontramos arquivos mais ricos de informação, mas nem sempre nas melhores condições. O seu acesso é normalmente mais difícil e certo tipo de documentos importantes para este tipo de estudo não existe (nomeadamente, os projectos para tumulária). Nos casos da Irmandade do Bonfim, da Ordem do Carmo e da Ordem da Trindade, o acesso directo aos respectivos arquivos foi impossível, embora nos tenham sido facultadas, indirectamente, algumas informações

sumárias sobre certos jazigos. Uma vez que este trabalho académico foca sobretudo um período que, no Porto, vai de cerca de 1835 a 1865, o recurso a estes arquivos acabou por ser dispensável. Não só os respectivos cemitérios privativos não possuem monumentos relevantes anteriores a 1865 como, para essa época, acabaram por ser suficientes os dados extraídos da imprensa sobre o seu estabelecimento. No caso do Arquivo da Irmandade da Lapa, dada a sua deficiente catalogação e ordenação, foram encontrados muitos documentos inéditos não localizados aquando da nossa Tese de Mestrado. Assim, de modo a enquadrá-los historicamente, foi necessário transcrever novamente excertos de alguns outros documentos que já tinham sido incluídos na nossa Tese de Mestrado. Todos os dados sobre cemitérios e monumentos recolhidos em arquivos distritais, municipais ou privados foram esporadicamente confrontados com os registos paroquiais, sobretudo para procurar melhor caracterizar os primeiros titulares dos mais importantes monumentos estudados, bem como os seus executantes.

3. **Recolha de dados bibliográficos, em várias bibliotecas de âmbito nacional e local.** Foram privilegiados os estudos de História local (necessariamente com recurso ao fundo local de várias bibliotecas municipais, detentoras de trabalhos monográficos policopiados), a imprensa da época, os almanaques e todos os (poucos) estudos existentes sobre o tema deste Doutoramento (nomeadamente alguns de autores estrangeiros). Procurou-se informação sobre oficinas de cantaria, dados biográficos sobre titulares de monumentos mais relevantes e pequenas contribuições para a História de alguns dos cemitérios em estudo.

Apesar de muito ter sido feito na última década em termos de investigação sobre os cemitérios oitocentistas em Portugal, esta não tem sido suficientemente abrangente no campo histórico, padecendo ainda do excessivo suporte em premissas falaciosas: confusão entre cemitério público e cemitério moderno; demasiado apoio em bibliografia apressada para datar cemitérios, resultando em erros de rigor; pouca investigação no terreno, resultando em trabalhos muito teóricos e até – por vezes – pouco relevantes. No campo estritamente artístico, a investigação sobre os cemitérios românticos portugueses tem sido muito envergonhada, por vezes "paroquial", outras vezes limitada a inventariações e à publicação de documentos escritos ou iconográficos sem a competente crítica e análise dos mesmos.

Optámos, pois, por fazer introduções históricas extensas sobre as várias épocas em estudo, alargando, apurando e corrigindo o que já tínhamos assinalado na dissertação de Mestrado. Optámos também por fazer um estudo exaustivo das várias oficinas de cantaria que existiram no Porto entre 1835 e 1865, não caindo no preconceito de apenas valorizar o papel do desenhador, arquitecto ou engenheiro, até porque - muitas vezes - projectista e construtor foram a mesma pessoa.

Recorremos por várias vezes à entrevista a descendentes de algumas personagens a estudar, sobretudo executantes ou desenhadores de monumentos sepulcrais. Contudo, vários fenómenos artísticos não cemiteriais foram também objecto de alguma atenção neste nosso trabalho, sobretudo aqueles fenómenos mais directamente relacionados com a tumulária romântica, como foi o caso dos monumentos públicos.

Tendo em conta a natureza de síntese que se pretende com uma tese de Doutoramento, muito mais do que com uma dissertação de Mestrado, optámos por não mostrar demasiados exemplos dos vários tipos de estéticas/monumentos, já que resultaria num trabalho analítico de difícil leitura, dados os milhares de casos que poderiam ser referidos. É certo que um trabalho como este deveria apoiar-se numa inventariação exaustiva já publicada, mas esta não existe. Assumimos, pois, que existem desequilíbrios neste nosso trabalho, bem como uma quantidade excessiva de matéria escrita, embora tenhamos procurado apresentar todos os temas de forma encadeada e com um discurso acessível. Também procurámos apresentar um trabalho sincero e não hermético, apontando

claramente os pontos mais frágeis e as áreas que necessitam de muito maior investigação para poderem adquirir outra solidez científica.

Metodologia de apresentação

Em relação à apresentação do trabalho, refira-se em primeiro lugar que optámos por dividir o volume de texto entre abordagens históricas e abordagens artísticas, seguindo uma sequência minimamente cronológica, de modo a que possa este trabalho ser lido por inteiro ou alternando-se os capítulos.

Os capítulos com abordagens históricas focam sobretudo os processos de estabelecimento de cemitérios, contando também com uma forte componente de análise urbana e socio-política. Por razões práticas, a análise artística de equipamentos construídos nos cemitérios estudados também foi incluída nestes capítulos com abordagens maioritariamente históricas. Optámos por dividir estes capítulos em cinco períodos:

- antes de 1835, correspondendo ao período anterior à epidemia de cólera de 1833-1834 e à lei dos cemitérios públicos;
- entre 1835 e 1844, correspondendo às dificuldades iniciais no estabelecimento dos cemitérios públicos;
- entre 1844 e 1855, correspondendo à nova legislação do Ministro Costa Cabral e seus efeitos;
- entre 1855 e 1865, correspondendo aos efeitos da epidemia de cólera de 1855-1856;
- após 1865, correspondendo à finalização do processo de estabelecimento dos novos cemitérios privativos no Porto, bem como a processos mais tardios de estabelecimento de cemitérios no noroeste de Portugal.

Os capítulos com abordagens artísticas focam sobretudo os monumentos sepulcrais propriamente ditos. Estes capítulos foram delimitados sem qualquer associação a um determinado estilo. De facto, seria muito difícil encontrar uma corrente estética revivalista apropriada para definir de forma simples cada um destes capítulos, uma vez que todos abarcam sempre várias áreas estilísticas, esteticamente diferenciadas e desfasadas. Assim, em termos de abordagem artística, optámos por dividir a análise em cinco períodos, os quais são relativamente coincidentes com os adoptados para a abordagem histórica:

- antes de 1835, correspondendo ao período pré-romântico;
- entre 1835 e 1848, correspondendo aos primeiros monumentos românticos nos mais antigos cemitérios de Lisboa e Porto;
- entre 1848 e 1855, correspondendo a uma fase de grande diversidade e interesse nas propostas de monumentos sepulcrais para os mais antigos cemitérios de Lisboa e Porto e também correspondendo aos primeiros monumentos sepulcrais de relevo em cemitérios fora do Porto e Lisboa;
- entre 1855 e 1865, correspondendo à afirmação plena da vivência romântica nos mais antigos cemitérios de Lisboa e do Porto;
- após 1865, correspondendo ao início de uma certa standardização estética nos cemitérios de Lisboa (razão pela qual, neste capítulo, deixamos de abordar monumentos sepulcrais dos cemitérios da capital) e à definitiva aceitação dos novos cemitérios privativos no Porto, bem como a processos mais tardios de consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória no noroeste de Portugal.

Devido à grande dimensão de matéria escrita e visual, optámos por concentrar a mancha gráfica e utilizar a frente e o verso das páginas. Do mesmo modo, optámos por dividir o volume de texto em dois tomos, correspondendo o primeiro tomo ao período anterior ao importante marco histórico que foi a epidemia de cólera de 1855-1856 e correspondendo o segundo tomo aos restantes anos de Oitocentos.

Optámos igualmente por um apêndice documental contido e heterogéneo, incluindo sobretudo documentos referentes a obras concretas de tumulária, seus autores ou

executantes, especialmente os documentos extraídos da imprensa da época. Também incluímos alguns documentos que reflectem a forma como era vivida a morte no período romântico. Todos os documentos incluídos no apêndice documental são inéditos.

Sendo este um trabalho de síntese, julgámos que não era muito pertinente trazer documentos inéditos à luz do dia se estes não fossem convenientemente interpretados. Assim, quando a sua importância ou eloquência intrínseca o justificou, excertos de muitos documentos inéditos não incluídos no apêndice documental foram transcritos ao longo do texto, tendo aí sido devidamente comentados. Só deste modo se poderia fazer demonstração cabal da maturidade científica do autor nesta área de conhecimento. Por outro lado, julgamos que o verdadeiro apêndice documental deste trabalho é o núcleo de imagens relativas aos monumentos estudados, alguns, infelizmente, já desaparecidos. Assim, optámos por juntar num segundo volume o apêndice documental e o *corpus* iconográfico. A esmagadora maioria das fotografias e desenhos é da nossa autoria, salvo alguma indicação em contrário, que vai sempre assinalada no índice das ilustrações.

Em relação ao elenco das fontes consultadas, chamamos a atenção para o facto de muitas não surgirem em qualquer nota de rodapé ao longo do texto. A razão prende-se com a delimitação cronológica do tema principal em estudo, que foi sendo restringida precisamente à medida que se tornava clara a impossibilidade de utilizar todas essas fontes, já que tornaria o presente trabalho irrealizável num âmbito temporal académico. Porém, tais fontes foram assinaladas precisamente para demonstrar como foi adquirida a massa crítica que permitiu elaborar este estudo. Ainda assim, não assinalámos bibliografia ou fontes consultadas que apenas tenham contribuído indirectamente para formar essa massa crítica.

Nos dois tomos do volume I, as entradas com parêntesis rectos, ao longo do texto, remetem para as ilustrações, no volume II. No caso da numeração de jazigos dos cemitérios do Prado do Repouso e de Agramonte, o número que se segue à barra designa a secção onde o monumento se encontra. Exemplo: 249/14 = jazigo n.º 249, secção 14. Para o Cemitério da Lapa, optámos por não assinalar os números das secções, mas apenas os números das divisões, dada a pequena dimensão do cemitério.